

LITTERATURA

HELENA DE MONTEZAC

I

O castello de Barbeville eleva-se n'um bellissimo valle, que deixa transparecer o seu céu azulado e as suas collinas verdejantes atravez um longo véo de aruma.

Situado entre Pont-l'Évêque e Pont-Audemer, a dez minutos de Cormeilles, o castello de Barbeville, onde vamos penetrar sem mais detença, occupava uma posição excepcional que provocava a admiração de todos os viajantes e causára o desespero de mais de um millionario.

Nesse dia reinava grande agitação no castello; o barão de Montezac preparava-se para casar sua filha.

Luiza Helena de Montezac tinha vinte e tres annos, e dou-lhes a minha palavra de honra em como esses tantos annos a maior não prejudicavam em ás graças do seu rosto, nem á elegancia do seu talhe, nem á serenidade dos seus bellos olhos.

Poupo-vos o retrato da minha heroína. A opinião do leitor não é que todas as moças se parecem quando são bonitas?

Quer tenham cabellos negros com reflexos azulados, quer possuam cabellos louros desenrolando ondas de ouro liquido, são todas as mesmas, essas divinas creaturas, quando teem labios roseos, um pescoço de cysne, olhos em fórma de amendoa com longos cilios de velludo e seda, e na fronte e nas covinhas da bocca que sorri, essa esplendida corôa de mocidade, de belleza e graça que Deus confere ás mais lindas, ás mais fracas e ás mais delicadas das suas creaturas.

Todavia Luiza Helena merecia uma menção particular. Era bella entre as bellas; alta, o que não constitue um defeito; a cintura fina com um busto largo e espaduas bem talhadas; uma cabeça nobre que não tinha nada de altiva nem desdenhosa; olhos scintillantes e uma bocca eloquente na palavra e no sorrir.

Seu noivo (porque o conde de Saint-Meré era apenas seu noivo; tinham ainda de decorrer tres longas semanas para que se effectuasse o casamento), seu noivo, dizia eu, era o unico herdeiro do coronel de Saint-Meré, victimado por uma bala mortal no campo da batalha de Inkermann.

Na epocha em que lhe morreu o pae, Saint-Meré era tenente no 10º de caçadores; mas tendo pela vida militar mediocre sympathia e ferido talvez dolorosamente pela morte do coronel, requereu a sua baixa e foi fixar-se burguezmente junto da velha marquezia, sua avó paterna, unico parente que lhe restava.

Teria então os seus vinte e nove annos. Era um bello rapaz de cabellos castanhos, bigode preto e uma physionomia ao mesmo tempo viril e doce, calma e intelligente.

Tendo manifestado pouco ou nenhum gosto pela vida aventureira dos campos, mostrava aptidões pela vida simples do castello, pescando, cacando, dando longos passeios a cavallo, almoçando bem, jantando melhor, ceitando optimamente e dormindo nove horas sem interrupção.

Fidalgo dos pés á cabeça, moço, bello, herdeiro da marquezia e herdeiro de alguns milhoes, cavalleiro completo, caçador intrepido, valsista emerito, seria difficil oppôr-lhe em toda a Normandia uma individualidade mais brilhante.

Ora, como é bem natural, a sociedade não deixa impunemente enregelar-se em um negro castello um joven fidalgo possuidor de tão bellas prendas.

O conde de Saint-Meré, festejado, acariciado, adulado, tinha de affrontar os olhares das mais ricas herdeiras e salvaguardar o seu coração de todas as seducções.

Será necessario dizer que muitas vezes estivera a ponto de succumbir?

A velha marquezia, porém, via tudo e não se deixava illudir. Tinha sempre uma censura a fazer a todas as noivas que se apresentavam.

Na Normandia, como em toda parte, a questão do casamento é uma questão complexa.

Esta possuia um dote irrisorio, o que vem a ser uma imperfeição em todos os paizes.

Aquella era de nobreza duvidosa; finalmente, a Providencia que véla sobre os homens que têm fortuna e querem casar, deparou-lhe Helena de Montezac.

Os seus castellos estavam separados por dous caminhos, uma floresta, uma collina e um ribeirinho. Bastava derrubar a floresta que era um pequenito bosque de castanheiros, abater a collina que poderia passar por um monticulo e atterrar o ribeirinho.

Feito isto, juntavam-se os dous caminhos, as propriedades confundiam-se e os dous castellos podiam estender as mãos um ao outro.

Não lhes parece que seria verdadeiramente desagradavel não unir dous moços que reciprocamente se convinham?

Quando lhe fallaram nessa união, a marquezia pela primeira vez pareceu satisfeita, e sem demora mandou pôr o carro para ir ao castello de Montezac.

O barão, quando a vio, sorriu, e bastaram algumas palavras para que os dous cumplices se entendessem.

Os dous moços foram apresentados um ao outro. Em algumas semanas advinharam-se e comprehenderam-se Helena e Saint-Meré.

Resolvido o casamento, tractou-se do enxoval.

II

Foi então, quando se decidiu a parte mais importante do enxoval que consiste no vestuario da noiva, que um terceiro personagem, que não era esperado, fez a sua entrada subita e theatral.

Esse personagem que vamos apresentar ás leitoras, era Luiz Arnold, litterato distincto e poeta notavel.

Teria trinta annos, e dilatava-se na sua reputação como n'uma esplendida aureola.

A chegada de Luiz Arnold produziu sensação no castello. Elle era filho dalli. O barão vira-o nascer; fôra amigo de seu pae, que morrera desgostoso, após a perda de uma fortuna consideravel.

Foi ainda o barão quem reanimou a coragem da pobre viuva e sustentou-a com os seus conselhos e dinheiro até a epocha em que seu filho se podesse encarregar do seu papel natural e protector.

Luiz era pois quasi um amigo da casa e como tal foi recebido.

Além disso, a sua brilhante reputação de poeta e auctor em voga precedera-o em Montezac.

O barão, que gostava da litteratura, sentiu grande jubilo em tornar a vêr, depois de quatro annos de ausencia, o filho do seu velho amigo.

Toda a gente alegrou-se com elle; a velha marquezia de Saint-Meré, que amava a mocidade e os homens de talento; o conde de Saint-Meré, que se lembrava vagamente de Luiz; os reudeiros, os creados, todos, emfim.

A propria Helena mostrou-se satisfeita com a chegada de Luiz.

Era um companheiro de infancia, um amigo de sua mocidade que reaparecia; um amigo que ella julgava perdido e que voltava na vespera do grande acontecimento de sua vida, como para participar da sua felicidade e consagral-a com a sua presença.

Receberam o poeta de braços abertos, censuraram-lhe a ausencia. Luiz desculpou-se.

Trabalhara muito e viajara; demais a sua ausencia fôra apenas de quatro annos, e durante esses quatro annos o barão, que detestava Paris, não posera lá os pés uma só vez.

— E eu que não vinha a Barbeville, como o havia de encontrar? disse Luiz rindo. Espero porém que agora não nos separemos tão cedo.

O barão não prestou attenção a essas ultimas palavras. Helena olhou admirada para o poeta e sentiu, sem saber porque, que o coração lhe batia no peito com mais força que de costume.

Preparam um dos melhores quartos do castello para Luiz.

Este fechou-se á chave, escreveu uma parte da noite, e no dia seguinte desceu tarde.

Ao almoço notaram que elle estava pallido e mal tocava nos alimentos que lhe serviam.

Reprehendeu-o docemente o barão.

— E' a fadiga, respondeu elle; a nossa profissão gasta depressa o individuo, careço de alguns dias de repouso.

Ao jantar não comeu com melhor appetite, e pedia licença para recolher-se cedo.

(Continúa).

VARIEDADE

A FELICIDADE NO LAR

Cartas de uma mãe a sua filha

V

OS CREADOS

(Continuação)

A economia é boa, mas com a condição que seja exercida mais sobre o superfluo que sobre o util. Fazel-a recabar sobre o bem estar dos que nos servem não é nem equitativo, nem humano, nem de bom aviso.

Quantos sacrificios pecuniarios não se fazem todos os dias por coisas de importancia minima.

Porque pois economisar parece um dever, quando se trata dos cre dos?

As satisfações que uma dona de casa teria n'um serviço feito conscienciosamente e com gosto não valem porventura cem vezes mais que as da coquette ou de um prazer ephemero?

O que é necessario, afinal de contas, para que uma creada seja feliz?

Um pouco de confortavel; de vez em quando algumas horas de repouso e finalmente salarios sufficientes para garantir-lhe uma velluce ao abrigo da necessidade.

A que não se manifestar outras exigencias não poderá ser taxada de ambições extravagantes.

Não é justo que depois de um dia de pesado labor, uma creada tenha uma alimentação abundante e succulenta, e uma boa cama? Não é justo que um pouco de liberdade, e até algumas distracções honestas lhe afervorem a moralidade e lhe dêem coragem? Não é justo que, depois de ter consagrado a mais bella parte da sua existencia ao bem-estar de outrem, ella goze por sua vez de um pouco de paz e bem-estar pessoal, tão uteis aos velhos?

Todas as vezes que quizermos julgar com humanidade uma que-tão desta especie, é necessario suppormo-nos no lugar d's que accusamos de exigencia, e perguntar a nós mesmos si nos considerariamos felizes com a situação que lhes é imposta.

Si todos procedessem assim para com os creados, as suas pretensões pareciam provavelmente menos ridiculas.

No caso em que uma fortuna restricta obriga a grandes economias, em vez de as exercer sobre a retribuição e o bem estar relativo que se deve aos creados, seria infinitamente mais digno diminuir o numero destes, e até, a rigor, dispensal-os de todo.

Si ha trabalho em nos servirmos a nós mesmos, não ha pelo menos humilhação, ao passo que devemos sentir

grande vexame em não retribuir largamente serviços que não podemos dispensar.

Ao lado das importantes questões de que acabo de tratar, ha ainda outra, a do caracter.

Quando temos certeza da probidade e da boa vontade de uma creada, devemos ter tambem um pouco de indulgencia para as suas imperfeições.

E' dar prova de bom senso e moderação, saber evitar certas asperezas de caracter.

Quem se atreve a julgar-se isento de defeitos? Porque pois exigir de individuos sem nenhuma cultura uma perfeição que sabemos não pôde existir nem mesmo nas pessoas bem educadas?

«Toleramos com bastante indulgencia os defeitos dos nossos eguaes, disse o duque de Lévis; mas exigimos a perfeição naquelles que nos governam e naquelles que nos servem. Todavia quantos particulares seriam bons principes, e quantos amos seriam pessimos creados!»

Peço-te que reflectas nas grandes virtudes que precisa ter uma creatura para ser uma creada, — não direi perfeita, porque é impossível —, mas apenas accetivel.

Qual é o ente que, mais do que a creada, está exposto á impaciencia e á inveja? Submettido sempre a mil caprichos, nunca se pertence a si mesmo.

O luxo, as alegrias da familia, os prazeres da sociedade, tudo veem e nada gozam. Que prodigiosa dóse de resignação e abnegação! e é necessario para se submeter!

Entretanto, quem pensa no merito dessa submissão? Quem procura tornal-a facil?

Não te admires, pois, si algumas, m nos resignadas, se revoltam interiormente e deixam que pouco a pouco lhes invada o coração a inveja, a hypocrisia, a malicia e o odio.

Estas são mais dignas de lastima que suas amas.

Afóra a profunda piedade que nos inspiram taes creaturas, aconselha-nos a prudencia que as não admittamos em nosso serviço.

JULIA F.

(Continúa)

## A CIDADE E OS THEATROS

Rio, 15 de Dezembro.

Os primeiros dias de Dezembro foram consagrados ás recepções do paço.

Sabbado, 2 de Dezembro, anniversario natalicio do Sr. D. Pedro Segundo, S. M. recebe no paço da cidade.

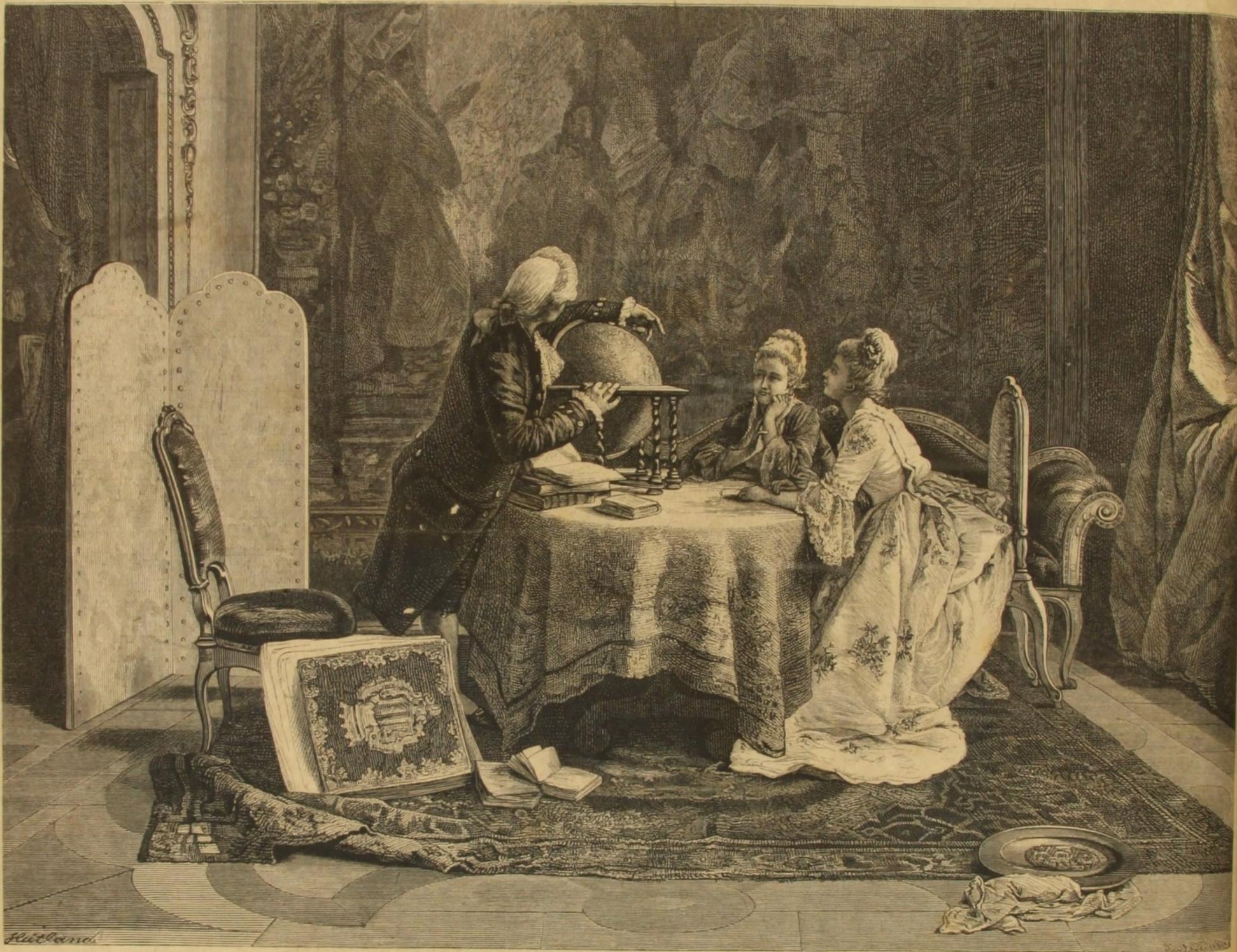
Quarta-feira, 6 do mesmo mez, anniversario natalicio de S. A. o Sr. D. Augusto, S. M. recebe ainda no paço da cidade.

Quer isto dizer que o povo se divertio, que a cidade se inundou de luz, que andamos de deslumbramento em deslumbramento?

Nas outras côrtes do mundo, certamente que sim, mas entre nós...

Entre nós, não, nada ou quasi nada, a magreza da pragmatica, incorrecta pelo Sr. de Bom Retiro.

A nossa côrte é de poucas festas.



## A LIÇÃO DE GEOGRAPHIA

Homem de sciencia, S. M. pensa mais na passagem de Venus pelo disco do sol, do que na sua de um anno para outro.

Como boa e santa esposa que é, S. M. a Imperatriz segue em tudo os passos do seu augusto esposo.

Assim, as festas do paço tem apenas a sensaboria official.

Quem vio uma recepção no paço vio todas.

Parecem missas de côrte presente: os Srs. Bom Retiro e Continentino, etc, endomingados, algumas damas respeitaveis, mas poucas, muito poucas e as mesuras do estylo.

Decididamente não é pelo brilho das suas festas que S. M. dará causa aos gritos dos republicanos.

Emquanto porém, preso assim ás harmonias celestes, S. M. deixa correrem sem festa os seus annos, subditos dedicados tomam a si o cuidado de marcar por algum acontecimento notavel os anniversarios imperiaes.

O anno passado, as leitoras devem estar lembradas, foi o Sr. Ramiz Galvão inaugurando a exposição de historia do Brazil da Bibliotheca Nacional, muito mais util do que pôde parecer.

Este anno, foram os edis *morituri* saudando Cezar com a inauguração do novo paço municipal.

Um grande acontecimento, uma bella a inauguração festa d'um edificio limpo para a camara municipal, com movimento de tropas e salvas de mosquetaria; mas a chuva e a hora, talvez, prejudicaram a concurrencia.

Do sexo seductor, sobretudo

Era apenas se, por'entre o enxame de casacas pretas e caras barbadadas, brilhavam algumas figuras sympathicas, e algumas toilettes davam a sala sua nota alegre.

Distinguimos:

S. M. a imperatriz, de luto, trajava como sempre seguindo a sua gerarchia, mas com muito gosto;

S. A. a condessa d'Eu d'uma elegancia, d'uma esbelteza realmente graciosas;

As Sras. baronezas de Santa Monica, de Wildik...

Um edificio limpo, disse eu, e é tudo.

O plano do novo paço municipal é, dizem-me, o resultado da collaberação de dois architectos.

De tantos não era preciso para fazer cousa tão feia!

Feio, sem elegancia, sem arte, sem gosto, sem senso, o paço municipal sem as armas da cidade que encimam as janellas, precisaria de ter letreiro este indicativo

PAÇO MUNICIPAL

tanto falta de caracteristico ao novo casarão!

Visto de fóra, chega a ter um aspecto desagradavel,

de tão disforme que é, a parte central mata completamente as duas azas, que vão terminar em angulos fugitives d'um effeito desastrado

Por dentro são grandes salas, altas, espaçosas, tolas.

Tem uma escada.

A escada, de marmore e ferro, corremão de bronze dourado, terminando por grifos do mesmo metal, é realmente elegante.

Para servir de modelo do gosto architectonico, glorioso destino de todo paço municipal, não é precisamente um d'esses «poems de pedra» o nosso edificio do campo de Sant'Anna.

Se a architectura é crystallisação da musica aquillo não pode ser senão a crystallisação do *Vem cá, Bitú!*

Mas consólemo-nos. Dizem-me que estava destinado a ser ainda peor, e mesmo porque é finalmente um paço limpo, grande, o primeiro decente que possui a nossa camara, e como so o primeiro passo é que custa...

Oh! perão por uma vez...

E esse grande logro que nos pregou o Tempo, no dia da passagem de Venus!

Como grande logro, confessem, foi um logro descomunal.



RUTH

